

JVA EDITORA

JVA
EDITORA

O LEVIATÃ DE SANTA MADALENA

JVA EDITORA

O LEVIATÃ DE SANTA MADALENA

Mar, pólvora e horror no ano de 1587

JVA EDITORA

NOTA DO EDITOR

Esta é uma obra de ficção original ambientada no século XVI. A narrativa combina horror marítimo, aventura e ficção histórica. Navios, rotas, práticas de navegação, armas e relações coloniais foram tratados com intenção de verossimilhança literária, sem pretensão de reconstituir um episódio histórico específico.

PERSONAGENS

Mateus — garoto de doze anos, aprendiz de grumete, filho de um tanoeiro.

Capitão Duarte Falcão — comandante da nau Santa Madalena.

Inês de Moura — cartógrafa e intérprete, embarcada sob proteção da Coroa.

Gaspar Álvares — mestre de pesca, homem do mar e guardião de velhas histórias.

Frei Tomé — religioso e cronista da expedição.

Álvaro de Sá — feitor da companhia mercantil que financia a viagem.

Amaro — marinheiro angolano experiente, piloto de costa e aliado de Mateus.

Beatriz Falcão — filha adulta do capitão, responsável pelos registros e provisões.

SUMÁRIO

- 01 A partida de Lisboa
- 02 O menino dos barris
- 03 Além do cabo
- 04 Peixes sem olhos
- 05 A marca no casco
- 06 O primeiro desaparecido
- 07 O mapa proibido
- 08 Águas que respiram
- 09 O sino sob o mar
- 10 A ilha sem pássaros
- 11 Homens da feitoria
- 12 A noite dos tentáculos
- 13 O diário de Gaspar
- 14 Sangue no convés
- 15 A enseada dos ossos
- 16 Ventos contrários
- 17 O navio abandonado
- 18 A coisa no porão
- 19 Fogo de Santelmo
- 20 A fome
- 21 Os colonos perdidos
- 22 O culto da maré
- 23 A boca no oceano
- 24 O motim
- 25 A caravela negra
- 26 Terra à vista
- 27 O povoado queimado
- 28 A criatura aprende
- 29 Sem estrelas
- 30 O preço da pólvora
- 31 A descida ao recife
- 32 O coração do monstro
- 33 A mentira do capitão
- 34 Mateus e o mapa
- 35 A tempestade vermelha
- 36 Os sobreviventes
- 37 A última nau
- 38 O cerco
- 39 Barris no convés
- 40 O plano do menino
- 41 Entre os mastros
- 42 A isca
- 43 A boca do Kraken
- 44 O pavio
- 45 O clarão

- 46 Depois do silêncio
- 47 Os que regressaram
- 48 O relato proibido
- 49 Mare Incognitum

CAPÍTULO 1

A PARTIDA DE LISBOA

No porão das provisões, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No câmara do capitão, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No tombadilho, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No cozinha enfumaçada, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No entre as vergas, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 2

O MENINO DOS BARRIS

No câmara do capitão, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No tombadilho, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No cozinha enfumaçada, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No entre as vergas, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No junto aos barris, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 3

ALÉM DO CABO

No tombadilho, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No cozinha enfumaçada, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No entre as vergas, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No junto aos barris, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No bote de sondagem, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 4

PEIXES SEM OLHOS

No cozinha enfumaçada, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No entre as vergas, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No junto aos barris, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No bote de sondagem, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No praia de areia escura, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 5

A MARCA NO CASCO

No entre as vergas, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No junto aos barris, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No bote de sondagem, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No praia de areia escura, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No convés de popa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 6

O PRIMEIRO DESAPARECIDO

No junto aos barris, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No bote de sondagem, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No praia de areia escura, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No convés de popa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No castelo de proa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 7

O MAPA PROIBIDO

No bote de sondagem, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No praia de areia escura, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No convés de popa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No castelo de proa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No porão das provisões, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 8

ÁGUAS QUE RESPIRAM

No praia de areia escura, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No convés de popa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No castelo de proa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No porão das provisões, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No câmara do capitão, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 9

O SINO SOB O MAR

No convés de popa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No castelo de proa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No porão das provisões, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No câmara do capitão, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No tombadilho, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 10

A ILHA SEM PÁSSAROS

No castelo de proa, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No porão das provisões, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No câmara do capitão, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No tombadilho, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

No cozinha enfumaçada, Mateus percebeu primeiro o silêncio. O Atlântico nunca era silencioso; mesmo dormindo, um navio rangia, respirava e reclamava. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 11

HOMENS DA FEITORIA

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do porão das provisões, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do câmara do capitão, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do tombadilho, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do cozinha enfumaçada, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do entre as vergas, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 12

A NOITE DOS TENTÁCULOS

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do câmara do capitão, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do tombadilho, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do cozinha enfumaçada, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do entre as vergas, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do junto aos barris, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 13

O DIÁRIO DE GASPAR

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do tombadilho, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do cozinha enfumaçada, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do entre as vergas, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do junto aos barris, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do bote de sondagem, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 14

SANGUE NO CONVÉS

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do cozinha enfumaçada, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do entre as vergas, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do junto aos barris, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do bote de sondagem, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do praia de areia escura, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 15

A ENSEADA DOS OSSOS

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do entre as vergas, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do junto aos barris, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do bote de sondagem, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do praia de areia escura, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do convés de popa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 16

VENTOS CONTRÁRIOS

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do junto aos barris, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do bote de sondagem, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do praia de areia escura, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do convés de popa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do castelo de proa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 17

O NAVIO ABANDONADO

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do bote de sondagem, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do praia de areia escura, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do convés de popa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do castelo de proa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do porão das provisões, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 18

A COISA NO PORÃO

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do praia de areia escura, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do convés de popa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do castelo de proa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do porão das provisões, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do câmara do capitão, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 19

FOGO DE SANTELMO

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do convés de popa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do castelo de proa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do porão das provisões, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do câmara do capitão, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do tombadilho, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 20

A FOME

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do castelo de proa, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do porão das provisões, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do câmara do capitão, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do tombadilho, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A Santa Madalena já não parecia um navio, mas uma casa cercada. Do cozinha enfumaçada, a tripulação observava a água como homens diante de uma porta que podia abrir sozinha. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 21

OS COLONOS PERDIDOS

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no porão das provisões quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no câmara do capitão quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no tombadilho quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no cozinha enfumaçada quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no entre as vergas quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 22

O CULTO DA MARÉ

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava na câmara do capitão quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no tombadilho quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no cozinha enfumaçada quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no entre as vergas quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no junto aos barris quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 23

A BOCA NO OCEANO

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no tombadilho quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava na cozinha enfumaçada quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no entre as vergas quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no junto aos barris quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no bote de sondagem quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 24

O MOTIM

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no cozinha enfumaçada quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no entre as vergas quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no junto aos barris quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no bote de sondagem quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava na praia de areia escura quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 25

A CARAVELA NEGRA

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no entre as vergas quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no junto aos barris quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no bote de sondagem quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no praia de areia escura quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no convés de popa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 26

TERRA À VISTA

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no junto aos barris quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no bote de sondagem quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no praia de areia escura quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no convés de popa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no castelo de proa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 27

O POVOADO QUEIMADO

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no bote de sondagem quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no praia de areia escura quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no convés de popa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no castelo de proa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no porão das provisões quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 28

A CRIATURA APRENDE

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava na praia de areia escura quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no convés de popa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no castelo de proa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no porão das provisões quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no câmara do capitão quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 29

SEM ESTRELAS

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no convés de popa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no castelo de proa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no porão das provisões quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no câmara do capitão quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no tombadilho quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 30

O PREÇO DA PÓLVORA

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no castelo de proa quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no porão das provisões quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no câmara do capitão quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava no tombadilho quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Cada nova descoberta tornava o monstro menos impossível e mais terrível. Mateus estava na cozinha enfumaçada quando compreendeu que a criatura não seguia o navio por fome apenas. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 31

A DESCIDA AO RECIFE

O mar fechara todas as saídas. No porão das provisões, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No câmara do capitão, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No tombadilho, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No cozinha enfumaçada, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No entre as vergas, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 32

O CORAÇÃO DO MONSTRO

O mar fechara todas as saídas. No câmara do capitão, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No tombadilho, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No cozinha enfumaçada, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No entre as vergas, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No junto aos barris, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 33

A MENTIRA DO CAPITÃO

O mar fechara todas as saídas. No tombadilho, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No cozinha enfumaçada, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No entre as vergas, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No junto aos barris, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No bote de sondagem, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 34

MATEUS E O MAPA

O mar fechara todas as saídas. No cozinha enfumaçada, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No entre as vergas, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No junto aos barris, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No bote de sondagem, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No praia de areia escura, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

A TEMPESTADE VERMELHA

O mar fechara todas as saídas. No entre as vergas, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No junto aos barris, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No bote de sondagem, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No praia de areia escura, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No convés de popa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

OS SOBREVIVENTES

O mar fechara todas as saídas. No junto aos barris, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No bote de sondagem, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No praia de areia escura, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No convés de popa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No castelo de proa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 37

A ÚLTIMA NAU

O mar fechara todas as saídas. No bote de sondagem, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No praia de areia escura, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No convés de popa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No castelo de proa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No porão das provisões, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 38

O CERCO

O mar fechara todas as saídas. No praia de areia escura, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No convés de popa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No castelo de proa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No porão das provisões, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No câmara do capitão, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 39

BARRIS NO CONVÉS

O mar fechara todas as saídas. No convés de popa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e

coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No castelo de proa, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No porão das provisões, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No câmara do capitão, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O mar fechara todas as saídas. No tombadilho, homens que haviam atravessado oceanos discutiam em sussurros, como se a coisa sob a quilha pudesse entender palavras. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 40

O PLANO DO MENINO

Mateus contara os barris três vezes. No castelo de proa, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No porão das provisões, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No câmara do capitão, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No tombadilho, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No cozinha enfumaçada, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

CAPÍTULO 41

ENTRE OS MASTROS

Mateus contara os barris três vezes. No porão das provisões, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No câmara do capitão, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No tombadilho, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No cozinha enfumaçada, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No entre as vergas, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

CAPÍTULO 42

A ISCA

Mateus contara os barris três vezes. No câmara do capitão, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No tombadilho, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No cozinha enfumaçada, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No entre as vergas, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No junto aos barris, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

CAPÍTULO 43

A BOCA DO KRAKEN

Mateus contara os barris três vezes. No tombadilho, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No cozinha enfumaçada, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No entre as vergas, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No junto aos barris, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No bote de sondagem, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

CAPÍTULO 44

O PAVIO

Mateus contara os barris três vezes. No cozinha enfumaçada, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No entre as vergas, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No junto aos barris, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No bote de sondagem, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No praia de areia escura, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

CAPÍTULO 45

O CLARÃO

Mateus contara os barris três vezes. No entre as vergas, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No junto aos barris, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No bote de sondagem, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No praia de areia escura, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

Mateus contara os barris três vezes. No convés de popa, com as mãos tremendo, percebeu que o medo não desaparecia quando alguém decidia agir. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

O plano parecia absurdo porque fora pensado por uma criança, e desesperado porque os adultos não tinham outro. Um barril seria reforçado, enchido com a pólvora que restava e preso a uma linha de cânhamo. Não era uma arma elegante; era peso, fogo e tempo.

Mateus não pretendia enfrentar a criatura de perto. Sua tarefa era preparar o barril e acender o pavio quando os marinheiros o soltassem como isca. Amaro amarrou uma segunda linha à cintura do garoto para que ninguém o perdesse caso o convés inclinasse.

Quando o tentáculo surgiu e puxou o barril para a massa escura junto ao casco, Mateus viu o pavio desaparecer entre água e espuma. Por um segundo nada aconteceu. Depois o mar ficou branco. O estrondo levantou a proa, rompeu vidraças e lançou água sobre o convés. A criatura se contorceu, e um som grave atravessou o casco como trovão enterrado.

CAPÍTULO 46

DEPOIS DO SILÊNCIO

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o vento rasgando as velas. Na memória, o junto aos barris permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o estalido das adriças. Na memória, o bote de sondagem permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o grito das aves. Na memória, o praia de areia escura permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o sino de bordo. Na memória, o convés de popa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o gemido do casco. Na memória, o castelo de proa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 47

OS QUE REGRESSARAM

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o gemido do casco. Na memória, o bote de sondagem permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o pancadas sob a quilha. Na memória, o praia de areia escura permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o ronco distante das ondas. Na memória, o convés de popa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o vento rasgando as velas. Na memória, o castelo de proa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o estalido das adriças. Na memória, o porão das provisões permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 48

O RELATO PROIBIDO

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o estalido das adriças. Na memória, o praia de areia escura permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de maresia e ferrugem. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o grito das aves. Na memória, o convés de popa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de sal e madeira molhada. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o sino de bordo. Na memória, o castelo de proa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O sino de bordo voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o gemido do casco. Na memória, o porão das provisões permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O gemido do casco voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o pancadas sob a quilha. Na memória, o câmara do capitão permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

CAPÍTULO 49

MARE INCOGNITUM

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o pancadas sob a quilha. Na memória, o convés de popa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de breu aquecido. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O pancadas sob a quilha voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de

uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o ronco distante das ondas. Na memória, o castelo de proa permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de cordame encharcado. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O ronco distante das ondas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o vento rasgando as velas. Na memória, o porão das provisões permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de peixe aberto. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O vento rasgando as velas voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o estalido das adriças. Na memória, o câmara do capitão permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de pólvora guardada em couro. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O estalido das adriças voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

Anos depois, Mateus ainda acordaria ouvindo o grito das aves. Na memória, o tombadilho permanecia iluminado pelo clarão daquela noite. Havia cheiro de óleo de baleia. Era 1587, e nenhum mapa que carregavam dava nome às águas em que se encontravam.

A expedição partira com homens de pesca, soldados, artesãos, intérpretes, religiosos e colonos. Procuravam novas enseadas, madeira, pesca e um lugar seguro para estabelecer uma feitoria. O oceano, porém, não distinguia ambição de necessidade. Para ele, todos os homens ocupavam o mesmo espaço minúsculo sobre tábuas.

Mateus tinha doze anos e conhecia barris melhor do que letras. O pai lhe ensinara a ouvir a madeira: um aro frouxo cantava de um jeito, uma aduela rachada de outro. Por isso foi ele quem percebeu que certas pancadas não vinham do casco. Vinham de baixo.

— Outra vez — disse Mateus.

— O quê? — perguntou Amaro.

— Três pancadas. Depois duas.

Amaro ficou imóvel. — Não conte isso aos homens ainda.

— Por quê?

— Porque um medo sem nome cresce mais depressa quando recebe testemunhas.

Naquela tarde, Gaspar recolheu uma linha de pesca cortada como se tivesse passado por uma lâmina. O anzol desaparecera. Presa ao cânhamo havia uma substância escura, viscosa, que cheirava a cobre. Frei Tomé fez o sinal da cruz. Inês, em vez disso, aproximou uma lente e perguntou onde exatamente a linha fora lançada.

Duarte Falcão proibiu histórias sobre serpentes, demônios e monstros. Disse que homens assustados viam olhos em ondas e braços em algas. Mas, ao cair da noite, ordenou que dobrassem a vigia e que ninguém permanecesse sozinho junto à amurada.

O grito das aves voltou pouco antes da meia-noite. Desta vez, todos ouviram. Uma vibração percorreu as tábuas de baixo para cima. Canecas saltaram. Uma lamparina apagou. Mateus segurou o poste do mastro e sentiu, através da madeira, algo enorme roçar a quilha.

Não houve grito vindo do mar. O que houve foi pior: uma lentidão consciente. A água ergueu-se junto ao bordo, e uma forma grossa, lustrosa e coberta de ventosas apareceu por um instante. Era larga como o tronco de uma árvore antiga. Curvou-se sobre si mesma e desapareceu antes que os arcabuzeiros conseguissem mirar.

Na manhã seguinte, ninguém chamou aquilo de onda. O capitão reuniu os oficiais. Álvaro queria prosseguir; voltar significaria perder o

investimento. Inês queria alterar a rota. Gaspar queria queimar os mapas da região. Mateus, calado junto à porta, pensou nos barris de pólvora e no modo como o pai dizia que toda força tinha um ponto onde podia ser quebrada.

FIM